

A TERRA FORA
DO SÍTIO

MARIA GABRIELA LLANSOL

A TERRA FORA
DO SÍTIO



© 1997, Maria Gabriela Llansol e Parque EXPO 98, S.A.

A publicação de *A Terra Fora do Sítio* e de *O Presente Epílogo*, extraídos, respectivamente, dos livros *Pregos na Erva* e *Da Sebe no Ser*, foi gentilmente autorizada por Maria Gabriela Llansol.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleccção de Cor
Grafiseis

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal
115 138/97
ISBN

972-8396-31-7

Lisboa, Dezembro de 1997

A TERRA FORA DO SÍTIO

O mar acabara para os olhos de Macário, naquela noite. A areia frágil também acabara, e o rochedo esburacado como uma esponja pela erosão, e a sua laca de espuma e de sol, e debaixo dos barcos virados, as redes amarfanhas em que os peixes morriam e o amor, às vezes, principiava. Pousava nas mulheres o cheiro do mar, impregnava-as até aos ossos através das saias e das blusas, de modo que nos seus

corpos se abraçavam ondas solidificadas de água.

Na mesa, a candeia luzia para os copos, para os pratos lisos da sopa, iniciais como pias de baptismo. Sagrava o jantar, fechava-o no nicho da sua luz hermética de azeite. Ana emparedava-se em imobilidade e em silêncio, enquanto as crianças, à volta da toalha franjada engoliam, vorazes, o caldo quente das primeiras colheres. Falavam rápidas, entre si, unidas pelo gozo da sopa, alheias aos adultos quase ausentes.

— Hoje levaste uma bofetada.

— Não me doeu.

— Gosto daqueles reбуçados.

— Os do papel azul?

— Não, os do papel verde.

— Deixei cair um ao mar.

— Onde estavas?

— No barco?

— No rochedo.

— Guardaste os papéis?

— Guardei. Tenho um verde, um encarnado e outro azul.

Depois do jantar deitaram-se ao acaso nas duas camas que lhes eram destinadas. Não para dormirem, mas para reboarem sobre as cobertas, ultrapassarem as orlas dos colchões e escorregarem, à maneira de peixes, para as tábuas do chão.

Macário aperfeiçoava entre os dedos um cilindro de papel e de tabaco. Paula apareceu à janela, cortada pelo peito, com o louro dos cabelos reprimido pelo lenço preto.

— Ana, empresta-me um púcaro de azeite? — perguntou.

Cheirava a peixe, às suas vísceras, às suas escamas, ao seu sal. A janela enquadrava um pedaço da noite (mar igual ao rochedo, rochedo igual à areia, areia igual às casas). O escuro sobrepunha-se ao lenço, e então quase poderia crer-se que era a noite que desataria os cabelos de Paula. Tinha sido um dia de névoa inconsútil, deitada por cima das casas como um sombrio mar suspenso — a ilha apertara-se entre dois mares com todas as direcções cortadas pelo mesmo fatídico cinzento aquático. Por olhar Paula, Macário respirava um perfume vazado no interior do seu próprio corpo, não o desvendado perfume marítimo, mas o odor do campo aberto em vegetação indecifrável.

— Não berrem — disse para as crianças (porque as crianças não paravam e esfrangealhavam com gritos a sua aparição).

Ana pegou na bilha do azeite e inclinou-a, a custo, sobre o púcaro. O azeite resvalou numa tira espessada pelo frio, de luz quase extinta, e encheu-o até aos bordos.

— É tarde — lembrou Ana.

Duas das crianças pegaram numa bacia, deitaram nela água tirada do cântaro e colocaram-na sobre o soalho, entre as camas. Despiram os casacos. As suas camisolas cavadas apareceram, furadas por buracos através dos quais as suas costas se avistavam recortadas em formas incertas. Mas os buracos, porque a carne das crianças floria leve, numa pureza de pele e de sangue, não provocavam a costumada impressão de miséria.

— Bem hajas — disse Paula.

Ouvia-se o mar, como em quase todos os pontos da ilha, o mar que desde a infância

lhes colara búzios nos ouvidos e sal nas plantas dos pés.

— Não entras? — perguntou Macário.

— Não. Tenho a louça para arrumar.

— Eu também tenho a louça para arrumar — ciciou Ana.

— São muitos pratos. Eles não te ajudam?

— Às vezes.

As crianças tinham, acabado de se lavar. Deitaram-se nas suas camas, a olhar na mesa a luz esvaziada e, mais além, a janela que já não guardava Paula, mas o branco enigma do nascimento do dia.

— Lavaram-se mal — censurou Ana.

Despejou a bacia, impeliu devagar a areia que aderira ao seu fundo e limpou com um pano a água entornada no soalho.

As crianças riam. Macário abriu a porta

para o quintal, com o seu riso a empurrar-lhe as costas. Ao fundo, a capoeira espalhava emanções — de esterco, de talos apodrecidos na lama — que se sobrepunham à melopeia das ondas. Macário imaginava-se no campo, sob o abrigo da terra contínua, sem rochedos a precipitá-lo, a cada instante, na visão do mar. De cada lado do quintal havia uma casa: as casas de Elisa e de Paula, de telhados curtidados, como a de Macário, de espaço e de tempo.

Na cadeira de palha, Paula esperava Macário. Via-o da janela, encostado à capoeira, a camuflar com a sua placidez o amor de todas as noites. Via também, mais perto, o gato de Elisa que tinha os olhos fendidos de fulgor verde, de pedaço de vitral partido encaestado em preto. A sua presença era insólita, como a

de todos os gatos numa paisagem campestre. As suas íris brilhavam com luz própria — e eram superiores aos vitrais —, mas colada à sua mesma superfície, sem distância — e eram inferiores aos vitrais.

Do quarto, Elisa contemplava, de vez em quando, as duas chamas estáticas que substituiriam com vantagem porque não se apagavam, a da lamparina de azeite em frente de Santa Ana a ensinar a ler Nossa Senhora. (Macário entrou. O gato entrou depois. Paula sorria. O gato assistiu à sua trivialidade de movimentos, apenas raros para quem os fazia.) Era um grupo de madeira pintada em que havia uma evidente desproporção entre o adulto e a criança. Elisa detestava as vestes de pau, hirtas sob os seus dedos, para além das quais não pressentia o esboço consolador dos cor-

pos, mas o coração da madeira informe. Assentava sobre uma peanha com ornatos que prolongavam, pela sua brandura, a expressão dos glóbulos de vidro que eram os olhos da Virgem e de Santa Ana. Sobre o seu colo abria-se, em ângulo raso, um livro espesso, com as duas páginas trespassadas de linhas obscuras.

Elisa pegou numa bacia, meia de farelos e, às escuras, dirigiu-se à capoeira. Apoiou-a na cintura para, com a mão livre, tactear o trinco. Percebiam-se os vultos das aves enegrecidas pelo seu afastamento transitório da luz e inchadas pelo apartar nocturno das penas. O arame da rede, unido ao escuro, privava a capoeira de lados. Elisa entrou, de espáduas dobradas, comprimida pelo telhado de zinco, a respirar o calor sujo dos poleiros. Confor-

tava-a o resguardo da rede em que não se introduzia, defendido pelos excrementos e os corpos das galinhas, o odor espacial do mar. Sentou-se numa pedra. A janela de Paula continuava iluminada. Se, de repente, ela ou Macário destrancassem a porta e o gato saísse — o único a andar às claras nas trevas —, perguntar-lhe-ia: «O que viste?» Deu com um pé no alguidar que balouçou sem entornar os farelos. À tarde correra na orla do mar, por debaixo do voo das gaivotas, atrás de uma galinha que fugira. Os seus pés achatavam a praia com pegadas húmidas e frias. Macário levava de rastos uma rede e dissera: «Pelo feitio das pegadas na areia, os homens eram todos iguais.» Elisa apanhara a galinha, que esvoaçava nos seus braços. «Ofereces-me esse peixe?», perguntara Macário. «Não», respon-

dera Elisa. «Ofereço-te Paula.» Macário largara as redes e dera-lhe uma bofetada. Elisa sentira os calos dos seus dedos aderirem-lhe à face e depois despegarem-se-lhe da pele. Começara a chover uma chuva remota, mar transubstanciado apenas pela sua ascensão. Subira o plano inclinado da pedra, por entre as chamas geladas dos rochedos. Passavam caixas com peixes espalmados a comungarem a sua ordem póstuma. A galinha tinha um coração vivo (era um prazer, na ilha, uma mão enterrada num corpo de pêlo ou de penas). Transpusera a casa de Macário depois de ter dito: «Boa tarde, Ana.» Voltara atrás e dera-lhe a galinha. Deixara-a, de patas atadas, no centro da mesa, Ana agradecera-lhe com um princípio de consolação a gastar-se-lhe nos olhos.

Saiu da capoeira e bateu à porta de Ana. Estava apenas encostada, como a deixara Macário. As crianças dormiam à margem da luz de azeite, surpreendentes na sua imobilidade. Ana deitara-se na cama grande, a meio do colchão. Ocupava metade do seu lugar, metade do de Macário, de vela à própria noite. Mataba os gestos comuns quando se aquietava entre os lençóis, ressuscitava-os quando vestia a primeira peça de roupa. Dentro em breve a luz apagada converteria o quarto em vácuo disponível, onde as crianças e as mulheres representariam os seus sonhos.

— O teu pai está no mar?

— Está — disse Elisa. — Não gosto de dormir em casa sozinha.

— Fazes bem — respondeu Ana.

Desviou o corpo para a parede e Elisa dei-

tou-se, ao comprido, vestida, sobre o lugar despojado de Macário.

Macário empurrou o barco. Meia hora depois despenhou as redes no mar. O nevoeiro permanecia, agarrado ao céu e às águas móveis, a comunicar-lhes a sua álgida solidão. Por debaixo e à roda do barco, Macário tinha a certeza de que milhares de peixes se esquivavam, mas a sua presença em fuga não o acompanhava. Na mão, mesmo vivos, eram frios e a sua pele escamosa, coberta de visco, era uma pele para escorregar e não para persistir. Esboços de gaivotas piavam. Os seus pios zarpavam o céu imediato e anunciavam por cima do nevoeiro uma outra consternação.

Macário gritou. O ar era surdo ou fechava

os seus gritos numa cápsula. Acercava-se cada vez mais dos seus olhos uma mortífera espessura. Acendeu um fósforo e o peso da névoa quase lhe interceptou a luz. O barco balouçou e vazou-o no mar (um copo a vazar o seu conteúdo num tanque). Macário contraiu-se, de medo e de frio, e pensou: «Por agora estou salvo.» Opôs o corpo ao mar e, sobretudo, à escuridão. Bracejou, à procura da carne líquida das ondas, e do sentido da ilha, no seu ondear oculto. Começou a viagem dolorosa em que os braços e as pernas tinham de vestir a resistência da madeira e comportar-se como remos. Era uma viagem sem paisagem, através da ausência. Macário apavorava-se nela, agudamente servo de si próprio. Media, braçada a braçada, a água que o exilava da ilha, até que os joelhos tocaram os rochedos e as casas

apareceram, levantadas ao alto sobre a neblina. Ultrapassou as rochas e estendeu-se no princípio da praia, desamparado como uma concha. Ao inspirar, a areia aderiu-lhe às mucosas das narinas, pontiaguda e incómoda. O cabelo e o rosto pingavam. O sítio em que repousava a cabeça, pouco a pouco encharcado, tornou-se compacto. Macário recomeçou a respirar. A areia já não esvoaçava para lhe tapar o nariz.

Ouviu então a voz de Elisa: «Macário», e sentiu as suas mãos desconhecidas espalmares-se-lhe nas costas. Voltou o corpo. Elisa vestia de preto, à semelhança de quase todas as mulheres da ilha. O decote circular e um pouco afastado do pescoço era um oásis de brancura que vertia inesperada nudez sobre o seu luto. Macário levantou-se. A roupa unia-

-se-lhe à pele. Ela cobriu-o com o seu xaile, tecido em lã e em calor, de franjas cerradas. Macário agarrava-se-lhe aos ombros, molhava-lhe o vestido preto com a sua água salgada.

Elisa bateu à porta. Ana veio abrir.

— O que foi?

Elisa desatou o abraço de Macário.

— Deixo o xaile — disse.

— Bem hajas — respondeu Ana.

Elisa viu o seu olhar inútil.

Era uma manhã de sol, sol de mar, de luz e sal. Os gritos das crianças — «Olá, olé, oli» — convergiam, a acabar-se, para a Escola. Barcos amarravam à areia o seu instinto desumano de partida.

— O Inverno acabou — disse Macário. — Ainda bem.

— Foi um Inverno frio — respondeu Elisa.

— Um Inverno duro — acrescentou Macário.

Ia um pouco adiante. De vez em quando parava ou olhava para trás, a estimular os passos mais vagarosos de Elisa. Derramava em si próprio a silhueta traçada com firmeza em tecido negro, porque não trazia xaile. Tinha olhos castanhos, limitados, e por isso quase fartos.

— Uma vez deste-me uma bofetada.

— Não queria bater-te.

Os vestígios dos seus pés marcavam uma fronteira ao mar, mas as águas não a respeitavam. As pegadas alagavam-se, cobertas de seixos e de limos.

— Estamos quase no fim da praia — disse Elisa. — A maré começa a subir.

Macário olhou para trás, a verificar se a distância já os ocultava ou ainda os descobria. Passou um braço em redor dos ombros de Elisa. A água rasava-lhes os tornozelos, a perfumar-lhes os pés. Voltaram a cabeça para a direita e viram o céu e o mar, as duas profundidades inversas, repletas da cor uma da outra. Rochas eram o sinal do fim da praia e do início da falésia. Sentaram-se na areia pesada que, todavia, comungava a leveza do sol. A maré subia, inadiável. E a blusa de Elisa fez-se ao mar.

O PRESENTE EPÍLOGO

Numa noite
(antiga medida itinerária),
o besante,
que adquirira
uma cor
paralela
à do verde,
dotou-se
de um fulgor
de ousadia,

ou ostentação,
e subindo à vigia
nos dedos imateriais do ser
(imagem apropriada do sopro)
que o insuflava de determinação,
assemelhou-se,
pouco a pouco,
a um grito de terra firme.

Visto pela vigia, o mar, em plena ondulação, transformou-se em nosso guarda e, além dele, não havia horizonte. Foi o bastante para que Juan confessasse que sempre o intrigara a nossa herança errante e marítima e que, de um momento para o outro, pressentia que o próprio ermo marítimo nos ia reter para sempre. Parecia que fôramos atraídos a uma vaga imóvel, e Juan pediu-me que eu lhe transmi-

tisse o besante, convencido de que se o trocássemos com o mar, seríamos soltos em terra firme.

Não encontrei palavras minhas para o dissuadir, e um pensamento arcaico respondeu por mim:

*O mar e a terra não são humanos,
tratam todos os seres como se fossem funâmbulos.*

*O espaço entre a terra e o mar,
não se assemelha ao fole da forja?*

*Por dentro, está vazio,
mas nunca se esvazia.*

Quanto mais o accionam, mais ele sopra.

*Quanto mais se fala,
mais cerrado é o nosso labirinto.*

*Mais vale que o homem
repouse no interior do fole.*

E concluí, para que me compreendesse:

— Não foi o mar, Juan,

mas o seu movimento,

que nos foi dado em herança.

MARIA GABRIELA LLANSOL
**A TERRA FORA
 DO SÍTIO**

Ouvia-se o mar, como em quase todos os pontos
 da ilha, o mar que desde a infância lhes colara
 buzios nos ouvidos e sal nas plantas dos pés.

78

Apoio:



Patrocínios:



inapa